



SABERES QUE CURAM: PAISAGEM, GÊNERO, BIOGEOGRAFIA E PLANTAS MEDICINAIS NA PAISAGEM DA RESEX MARINHA DE SÃO JOÃO DA PONTA-PA

Aline Lima Pinheiro Machado ¹
Márcia Aparecida da Silva Pimentel ²

RESUMO

Esta pesquisa investiga as complexas interfaces entre gênero, ambiente e conhecimento tradicional na Reserva Extrativista (RESEX) Marinha de São João da Ponta, no Pará, destacando o papel fundamental das mulheres na conservação e uso de plantas medicinais. O referencial teórico-metodológico integra a biogeografia cultural, a etnobotânica e os estudos de gênero, adotando uma abordagem quali-quantitativa, incluindo análise bibliométrica, observação participativa de campo e análise espacial. Os resultados confirmam que as mulheres são as principais guardiãs dos saberes, configurando paisagens bioculturais de cura e resistência. A análise da espacialidade dos saberes revela que o quintal doméstico emerge como o epicentro da conservação *in situ* e da transmissão do conhecimento etnobotânico feminino, refletindo a divisão de trabalho por gênero. A pesquisa também aponta a escassez de estudos geográficos que integrem essas dimensões na Amazônia Paraense, reforçando a necessidade de confrontar a marginalização epistêmica e de elaborar políticas públicas que valorizem o conhecimento tradicional diante das ameaças ambientais e socioeconômicas.

Palavras-chave: Gênero, Plantas medicinais, Biogeografia cultural, Amazônia, RESEX.

ABSTRACT

This research investigates the complex interfaces between gender, environment, and traditional knowledge in the Marine Extractive Reserve (RESEX) of São João da Ponta, Pará, highlighting the fundamental role of women in the conservation and use of medicinal plants. The theoretical-methodological framework integrates cultural biogeography, ethnobotany, and gender studies, adopting a qualitative-quantitative, including bibliometric analysis, participatory fieldwork, and spatial analysis. The results confirm that women are the main guardians of knowledge, configuring biocultural landscapes of healing and resistance. The analysis of the spatiality of knowledge reveals that the domestic backyard emerges as the epicenter of *in situ* conservation and the transmission of female ethnobotanical knowledge, reflecting the gender division of labor. The research also points to the scarcity of geographical studies that integrate these dimensions in the Pará Amazon, reinforcing the need to confront epistemic marginalization and to elaborate public policies that value traditional knowledge in the face of environmental and socioeconomic threats.

Keywords: Gender, Medicinal plants, Cultural biogeography, Amazon, RESEX.

¹ Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará - UFPA, pinheiro.algeo30@gmail.com;

² Docente do da Universidade Federal do Mato Grosso– UFMT e Programa de Pós- Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará - UFPA, marciapimentel@ufpa.br.



INTRODUÇÃO

Este artigo analisa as complexas interfaces entre questões de gênero, ambiente e conhecimento tradicional na Reserva Extrativista (RESEX) Marinha de São João da Ponta, localizada no município de São João da Ponta, na Zona Costeira Paraense. O foco do trabalho preocupa-se em destacar o papel das mulheres na conservação e no uso de plantas medicinais, compreendendo como seus saberes se articulam com a gestão e a configuração da paisagem no contexto desta Resex Marinha. A abordagem adotada integra um diálogo de conceitos da biogeografia cultural, etnobotânica e estudos de gênero para analisar como as mulheres, por meio de seus conhecimentos/ saberes, moldam e gerem paisagens de cura e resistência.

Na Amazônia, a região de maior biodiversidade do planeta, a distribuição das espécies não é homogênea. A maioria das espécies possui distribuição restrita, definindo várias áreas de endemismo, que são espaços geográficos determinados pela congruência nas distribuições de duas ou mais espécies que não ocorrem em nenhum outro lugar. Este padrão de endemismo, associado à substituição de espécies por outras aparentadas em áreas adjacentes, muitas vezes delimitadas por barreiras físicas como rios, constitui um dos principais focos de estudo da biogeografia amazônica (Silva & Garda, 2010).

Historicamente, a explicação para a origem da extraordinária riqueza de espécies na Amazônia tem sido um desafio e descoberta em processos de pesquisa. A "teoria dos refúgios", proposta por Haffer (1969), sugeria que durante os períodos glaciais do Quaternário, a floresta amazônica teria se fragmentado em refúgios isolados, promovendo a especiação. No entanto, estudos mais recentes, baseados em dados geológicos, paleoecológicos e moleculares, têm questionado essa teoria, indicando que a paisagem amazônica foi muito mais dinâmica no passado do que se imaginava e que muitas espécies são mais antigas que o Quaternário (Silva & Garda, 2010). A complexa história geológica da região, com eventos como transgressões marinhas e a formação dos Andes, parece ter desempenhado um papel basilar na diversificação da biota amazônica.

Nesse contexto, a Biogeografia Cultural oferece uma perspectiva que transcende a análise puramente biológica, ao propor que toda paisagem é, simultaneamente, natural e cultural. Figueiró (2015) argumenta que a conservação da biodiversidade só será efetiva quando entendida como parte de um projeto mais amplo de transformação social. Esta visão integradora é necessária para compreender como os saberes e as práticas das populações tradicionais, em especial das mulheres, se inscrevem na paisagem e contribuem para a sua diversidade.



Ainda, nesse arranjo, a biogeografia cultural contribui ao evidenciar como os grupos humanos, em diferentes contextos espaciais e temporais, modelam e são modelados pelos sistemas ecológicos, desenhando padrões de uso, ocupação e transformação da paisagem mediados por saberes tradicionais e práticas culturais. E a Etnobotânica amplia essa análise ao investigar as inter-relações entre sociedades e plantas, evidenciando conhecimentos ecológicos locais, estratégias de manejo e significados simbólicos atribuídos à vegetação para compreender a paisagem.

Essas abordagens dialógicas permitem desnaturalizar a paisagem, compreendendo-a como um processo dinâmico de coevolução sociedade-natureza, no qual marcadores sociais como gênero, etnia e classe determinam percepções e usos diferenciados do espaço. Ao resgatar saberes tradicionais frequentemente marginalizados nas análises geográficas físicas/ ambientais convencionais, tais perspectivas evidenciam como esses conhecimentos sustentam práticas ambientais sustentáveis.

A pesquisa, então, justifica-se pela lacuna teórica e metodológica já identificada no campo da Geografia, especialmente na Amazônia Paraense, no que tange à relação entre gênero, plantas medicinais e paisagem. Os saberes femininos, muitas vezes marginalizados, sustentam conhecimentos, histórias e saberes, sendo de grande relevância para a conservação da biodiversidade e para a saúde comunitária. O objetivo desta comunicação é, portanto, apresentar como a distribuição biogeográfica de plantas medicinais na paisagem se articula com as dinâmicas de gênero e os saberes tradicionais, tomando como estudo de caso a RESEX Marinha de São João da Ponta (PA).

METODOLOGIA

Ao tratar-se de resultados preliminares de uma etapa teórico-metodológica de pesquisa de tese de doutorado, adota-se aqui uma abordagem quali-quantitativa, registros de observações participantes na Resex de São João da Ponta, buscando aprofundar a compreensão das dinâmicas socioespaciais e bioculturais por meio da apresentação dialógica entre estas abordagens teóricas.

A pesquisa foi realizada em 2025, com visitas de campo e observações participantes em comunidades da RESEX. Foram registradas entrevistas informais e notas de campo. Para mapear o estado da arte e identificar as lacunas de pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica sistemática e uma análise bibliométrica com base no Observatório da Geografia Brasileira (OGB).



O desenho metodológico foi estruturado para integrar a análise de apontamentos biogeográficos com a interpretação dos saberes tradicionais e das relações de gênero, garantindo uma visão holística, a partir de relações já identificadas na paisagem da RESEX Marinha de São João da Ponta.

Propõe-se, também, a fim de justificar a temática proposta, apresentar uma articulação de referenciais da Biogeografia Cultural, Estudos de Gênero e Etnobotânica e dados de produção científica sobre Plantas medicinais na Biogeografia Amazônica.

A caracterização da Área de Estudo da pesquisa desenvolvida, compreende a Reserva Extrativista (RESEX) Marinha de São João da Ponta, localizada no município de São João da Ponta, na Zona Costeira Paraense (ZCP). A ZCP abrange uma extensa área litorânea, caracterizada por complexas interações entre ambientes continentais e marinhos, como manguezais, estuários e planícies costeiras, configurando um espaço de transição ecológica e cultural. A RESEX, como Unidade de Conservação de Uso Sustentável, visa proteger os meios de vida e a cultura das populações extrativistas tradicionais, garantindo o uso sustentável dos recursos naturais (ICMBio, 2025).

REFERENCIAL TEÓRICO

A Paisagem como Construção Social e Biocultural

A paisagem, no contexto geográfico, transcende a mera descrição de um cenário físico. Ela é um palimpsesto, um registro de interações complexas entre a sociedade e a natureza ao longo do tempo. Rose (1997) argumenta que a paisagem não é um palco passivo, mas um produto ativo de práticas sociais e culturais que refletem e, por vezes, reforçam hierarquias e relações de poder. Nesse sentido, a paisagem é intrinsecamente política, e sua análise deve incorporar as dinâmicas sociais que a moldam.

A abordagem da Biogeografia Cultural (Figueiró, 2015; Clement et al., 2015) se insere nesse debate ao postular que a conservação da biodiversidade está indissociavelmente ligada à transformação social. Ela reconhece que os padrões de distribuição biológica são influenciados não apenas por fatores climáticos e geológicos, mas também pelas práticas humanas, como o manejo de recursos, a agricultura e a transmissão de saberes. A paisagem biocultural, portanto, emerge como um conceito chave, onde a diversidade biológica e a diversidade cultural se reforçam mutuamente, sendo o resultado de um longo processo de coevolução entre as comunidades humanas e seus ambientes.



Na Amazônia, essa perspectiva é particularmente relevante. A ideia de uma floresta "intocada" tem sido desafiada por estudos que demonstram a profunda influência humana na paisagem ao longo de milênios (Jornal USP, 2015). As populações tradicionais, incluindo as extrativistas da RESEX Marinha de São João da Ponta, atuam como agentes ativos na modelagem da paisagem, criando mosaicos que refletem seus modos de vida e seus sistemas de conhecimento.

Gênero e as Guardiãs dos Saberes Etnobotânicos

A etnobotânica, o estudo das relações entre as sociedades humanas e as plantas, revela que o conhecimento sobre o uso e manejo dos recursos vegetais é frequentemente segregado por gênero. Diversos estudos na Amazônia e em outras regiões tropicais demonstram que as mulheres são as principais detentoras e transmissoras dos saberes relacionados às plantas medicinais (Vocks, 2007; Pinto, 2019).

Essa especialização de gênero não é aleatória; ela está ligada à divisão social do trabalho e aos espaços de atuação. As mulheres, tradicionalmente responsáveis pelo cuidado com a saúde da família, pela alimentação e pela manutenção do lar, concentram seu conhecimento em espécies utilizadas para a saúde reprodutiva, infantil e para o tratamento de doenças cotidianas. Seus espaços de manejo preferenciais são os quintais domésticos e as áreas próximas às residências, que funcionam como verdadeiras "farmácias vivas" e laboratórios de conhecimento. A proximidade desses espaços com o cotidiano feminino facilita a observação, o cultivo e a coleta, integrando o manejo das plantas à rotina diária.

Em Reservas Extrativistas (RESEX), como a de São João da Ponta, o papel das mulheres é significativo. As RESEX são territórios de resistência biocultural, criados para proteger os meios de vida e a cultura de populações tradicionais, ao mesmo tempo em que garantem o uso sustentável dos recursos naturais. Nesse contexto, as mulheres emergem como guardiãs da biodiversidade e da saúde comunitária, desempenhando um papel central na conservação e na adaptação às mudanças ambientais (Floresta Mais Amazônia, 2024). A manutenção do conhecimento etnobotânico feminino é, portanto, um ato de resistência contra a erosão cultural e a marginalização epistêmica, especialmente em regiões como o Pará, onde a produção acadêmica sobre a temática ainda é incipiente.

Plantas Medicinais e a Biogeografia dos Saberes



A distribuição espacial das plantas medicinais na paisagem, ou a biogeografia dos saberes, não é apenas um fenômeno natural, mas um reflexo direto das práticas socioculturais. O conhecimento tradicional feminino influencia a distribuição de espécies ao priorizar o cultivo e o manejo de plantas específicas em determinados microambientes, como os quintais.

Apesar da imensa riqueza fitoterápica do Brasil, grande parte das pesquisas sobre as propriedades medicinais de nossa flora foi desenvolvida por cientistas estrangeiros. Hoje, cerca de 80% da produção farmacêutica nacional está sob controle de multinacionais, que inclusive detêm patentes de espécies vegetais brasileiras (Lameira, 2022).

Dados da Organização Mundial da Saúde (2002) revelam o paradoxo: enquanto 28% dos medicamentos globais têm origem vegetal e 11% das 252 drogas essenciais são exclusivamente derivadas de plantas (Rates, 2004), o país megadiverso permanece como mero fornecedor de matéria-prima. A divisão de conhecimentos etnobotânicos por gênero é um aspecto necessário para entender a resiliência dos sistemas médicos tradicionais. Estudos com os Tsimane', povo indígena da Amazônia boliviana, revelam que mulheres detêm um conhecimento mais amplo sobre plantas usadas para saúde reprodutiva, infantil e cuidados domésticos, enquanto homens tendem a se especializar em espécies para fermentos, caça e doenças específicas (Díaz-Reviriego et al., 2016).

Essa diferença é quantificável: entre os Tsimane', as mulheres citaram, em média, 7,95 plantas medicinais, contra 7,25 citadas por homens, além de apresentarem maior diversidade de usos por planta (Díaz-Reviriego et al., 2016). Essa segmentação de saberes reforça a importância das mulheres como guardiãs da saúde familiar e como agentes-chave na preservação da biodiversidade medicinal.

As plantas medicinais, amplamente utilizadas pela população brasileira há décadas, tanto na medicina popular quanto em programas públicos, são reconhecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como essenciais para a saúde global, especialmente em países em desenvolvimento, onde 70% a 90% da população depende delas. No Brasil, aproximadamente 82% das pessoas utilizam esses recursos, seja por tradição cultural ou por meio do SUS. Os programas de fitoterapia no SUS variam regionalmente, considerando a diversidade dos biomas, e incluem desde o fornecimento de plantas in natura até fitoterápicos industrializados. Avanços significativos foram alcançados nas últimas décadas, com a criação de políticas públicas e legislações específicas, alinhadas às recomendações da OMS e aos princípios do SUS, promovendo o desenvolvimento sustentável da cadeia produtiva e garantindo o uso racional desses recursos terapêuticos.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa demonstram que a paisagem da RESEX Marinha de São João da Ponta é um complexo arranjo biocultural, onde as marcas da natureza e da cultura se sobrepõem e se interpenetram. Longe de ser um espaço natural intocado, a paisagem é ativamente construída e mantida pelas práticas extrativistas e, de forma notável, pelos saberes femininos.

A análise da paisagem sob a ótica da Biogeografia Cultural revelou que a distribuição de certas espécies vegetais é um reflexo direto das relações sociais e de poder. A paisagem não é apenas um cenário, mas um produto ativo das práticas sociais e culturais que refletem e reforçam hierarquias, conforme postulado por Rose (1997). No contexto da RESEX, a paisagem é um campo de disputa e de resistência, onde a conservação da biodiversidade está intrinsecamente ligada à luta pela manutenção dos modos de vida tradicionais.

A Biogeografia, ao identificar padrões de endemismo e distribuição, oferece o arcabouço para a compreensão da diversidade biológica. Contudo, a Biogeografia Cultural permite ir além, ao integrar a dimensão humana. A conservação da biodiversidade, como argumenta Figueiró (2015), só se torna efetiva quando inserida em um projeto mais amplo de transformação social. A paisagem da RESEX, com seus manguezais, áreas de várzea e terra firme, é um testemunho dessa coevolução, onde a diversidade de espécies é mantida por um manejo que é, ao mesmo tempo, ecológico e culturalmente informado.

Assim, os resultados preliminares confirmam que as mulheres são as principais guardiãs dos saberes tradicionais sobre plantas medicinais na RESEX. Este conhecimento não é apenas um repositório de informações, mas um sistema de gestão territorial que se manifesta em uma espacialidade geográfica específica: a paisagem de cura.

O conhecimento feminino é especializado, concentrando-se em espécies utilizadas para a saúde reprodutiva, infantil e cuidados domésticos. Essa especialização se traduz em um padrão de distribuição espacial (Tabela 1) das plantas intimamente ligado às práticas de gênero:

Tabela 1 - Espacialidade do Manejo de Plantas Medicinais por Gênero na RESEX Marinha de São João da Ponta



Espaço de Manejo	Agente Principal	Tipo de Planta Predominante	Função Principal
Quintal Doméstico	Mulheres	Cultivadas (ervas, arbustos)	Farmácia viva, cuidado imediato, transmissão de saber
Áreas Próximas à Residência	Mulheres	Coletadas (ervas, cipós)	Coleta rápida, manejo de espécies de fácil acesso
Mata/Manguezal Distante	Homens e Mulheres	Coletadas (árvores, cipós)	Recursos de uso mais amplo, extrativismo de maior escala

Fonte: Elaborado pela autora com base nas observações de campo (2025).

O quintal doméstico emerge como o principal laboratório de conhecimento e conservação. Ele é um espaço de manejo intensivo, onde a diversidade de espécies é mantida por meio de práticas de cultivo e coleta que se integram à rotina diária. A concentração de plantas medicinais nos quintais e nas áreas próximas às residências é um reflexo direto da divisão de trabalho por gênero, onde o espaço de atuação feminino se torna o epicentro da conservação in situ de espécies de uso medicinal.

A análise bibliométrica reforça a relevância desta pesquisa ao identificar a escassez de estudos geográficos que integrem gênero, paisagem e plantas medicinais, especialmente na região Norte do Brasil. Essa lacuna acadêmica reflete uma marginalização epistêmica que a pesquisa busca confrontar, dando visibilidade e reconhecimento científico aos saberes femininos.

A RESEX Marinha de São João da Ponta é, em sua essência, um território de resistência biocultural. As práticas das mulheres, ao manterem e transmitirem o conhecimento etnobotânico, atuam como um mecanismo de conservação da biodiversidade e de adaptação às mudanças ambientais. A paisagem de cura por elas construídas é um ato de resistência contra a homogeneização cultural e a perda de autonomia sobre a saúde.

No entanto, a pesquisa também identificou pressões significativas que ameaçam a continuidade desses saberes, como degradação de habitats com a expansão de atividades econômicas predatórias na Zona Costeira Paraense, como a carcinicultura e a exploração madeireira ilegal, ameaça os manguezais e as áreas de mata, que são fontes de coleta de plantas



medicinais. A influência de sistemas de saúde externos, diante da crescente dependência de medicamentos alopáticos e a desvalorização da medicina tradicional pelos sistemas de saúde formais contribuem para a perda de interesse das novas gerações pelo conhecimento etnobotânico. E a mercantilização dos recursos naturais, posto a pressão por transformar as plantas medicinais em commodities pode levar à coleta predatória e à perda de controle das comunidades sobre seus próprios recursos genéticos e saberes associados.

A Geografia das Plantas na Amazônia Paraense: Lacunas e Tendências (Resultados da Análise Bibliométrica)

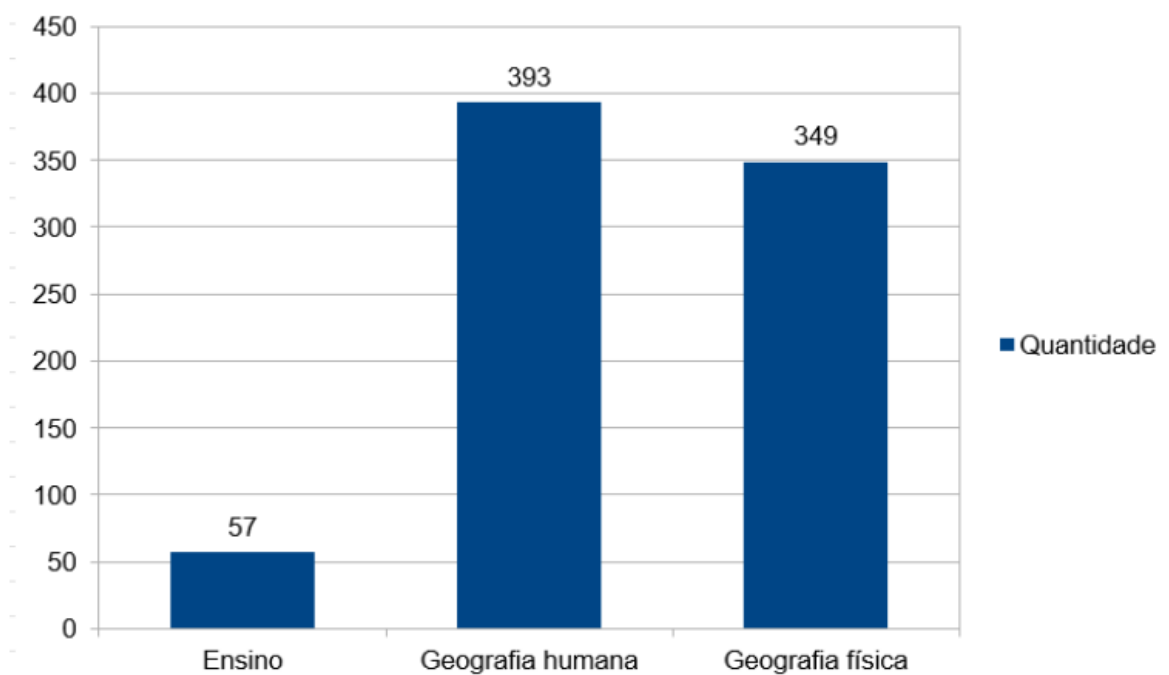
A partir do levantamento bibliométrico realizado a partir do Observatório da Geografia Brasileira (OGB), buscou-se relacionar paisagem, gênero e 71 plantas medicinais em revistas online dos estratos A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5 de avaliação do Sistema Qualis-Capes (quadriênio 2013-2016), mantidas por instituições geográficas entre 1939 e 2020. O levantamento analisou um total de 34.159 artigos publicados entre 1939 e 2022, dos quais 799 possuem a palavra "paisagem" em seus títulos. Esses artigos abrangem uma diversidade de abordagens e temas relacionados à paisagem, refletindo a evolução e a interdisciplinaridade do conceito ao longo das décadas.

Dentre os 799 artigos selecionados, apenas 6 abordam temas específicos que relacionam apenas paisagem e gênero, sem relacionar Plantas Medicinais, destacando-se pela sua relevância e singularidade. Foram identificados:

4 artigos que exploram a relação entre corpo e paisagem, investigando como a corporeidade se entrelaça com a percepção e a construção do espaço geográfico, contribuindo para uma abordagem mais sensível e fenomenológica da paisagem; 1 artigo que trata especificamente da temática da mulher no contexto geográfico; 1 artigo que analisa questões de gênero, trabalho e representação na paisagem, destacando perspectivas críticas e inclusivas na análise espacial.

Para fins de categorização do levantamento e agrupamento de dados na pesquisa, optou-se por dividir em três eixos de abordagem: Geografia Física, Geografia Humana e Ensino de Geografia.

Figura 1- Gráfico Publicações por eixos de concentração



Fonte: Elaboração da autora (2025).

Os dados apresentados no gráfico (Figura 1) revelam uma distribuição assimétrica entre os três eixos de abordagem da pesquisa, com predominância absoluta da Geografia Humana, que concentra 349 registros (representando aproximadamente 77,5% do total). Em contraste, a Geografia Física aparece com uma participação significativamente menor (21,2%, equivalente a 95 registros), enquanto o eixo de Ensino de Geografia com menor eixo registrado no gráfico 57 registros. O gráfico reflete uma realidade mais ampla da Geografia contemporânea, onde temas humanos frequentemente superam os físicos em volume de pesquisas, especialmente em contextos interdisciplinares vinculados a problemas sociais. A lacuna no Ensino, por sua vez, pode apontar para uma desconexão entre a pesquisa acadêmica e as demandas pedagógicas da disciplina.

Gera-se, assim, implicações metodológicas. A concentração de dados na Geografia Humana exige cautela na generalização dos resultados, pois pode subrepresentar dinâmicas ecológicas ou físicas relevantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A existência das mulheres da RESEX pela manutenção de suas práticas e de sua paisagem de cura é, portanto, uma luta pela soberania territorial e pela justiça epistêmica. O reconhecimento do seu papel central na conservação da biodiversidade e na saúde comunitária é fundamental para a elaboração de políticas públicas que apoiem a gestão sustentável e a valorização dos saberes tradicionais na Amazônia.

O estudo de caso da RESEX Marinha de São João da Ponta, no Pará, serviu como um prisma para analisar a complexa intersecção entre biogeografia cultural, gênero e etnobotânica. Os resultados parciais e a discussão aprofundada, a partir das abordagens teóricas dos campos que dialogam nesta pesquisa, confirmam que as mulheres em contextos comunitários amazônicos desempenham um papel central na manutenção dos saberes tradicionais, atuando como guardiãs da biodiversidade e da saúde comunitária. Suas práticas de coleta, cultivo e uso de plantas medicinais não apenas sustentam modos de vida tradicionais, mas também configuram paisagens bioculturais específicas, as "paisagens de cura", onde natureza e sociedade se entrelaçam de forma dinâmica e resistente.

A análise da espacialidade dos saberes revelou que o quintal doméstico é o epicentro da conservação in situ e da transmissão do conhecimento etnobotânico feminino. Essa concentração de espécies medicinais, manejada pelas mulheres, é um reflexo direto da divisão de trabalho por gênero e um ato de resistência contra a erosão cultural e a marginalização epistêmica. A biogeografia, nesse contexto, deixa de ser uma ciência puramente natural para se tornar uma ferramenta de análise das relações de poder e das práticas socioculturais que moldam a distribuição da vida.

No entanto, a pesquisa também aponta para as ameaças que pairam sobre esses saberes e paisagens, como a degradação ambiental e a influência de sistemas de saúde externos. A luta das mulheres da RESEX Marinha de São João da Ponta pela manutenção de suas práticas é, em última instância, uma luta pela soberania territorial e pela justiça epistêmica.

Em termos de contribuição, este artigo busca preencher uma lacuna teórica e metodológica na Geografia Paraense e Amazônica, ao integrar de forma robusta as dimensões de gênero, paisagem e biogeografia. O reconhecimento do papel das mulheres na construção de paisagens bioculturais de cura e resistência é fundamental para a elaboração de políticas públicas mais justas e eficazes, que valorizem o conhecimento tradicional como um pilar essencial para a conservação da Amazônia.

O aprofundamento do estudo, com a análise completa dos dados de campo (taxonômicos e narrativos), permitirá quantificar a diversidade de espécies manejadas e detalhar as categorias



de uso, solidificando a tese de que a conservação da biodiversidade na RESEX é inseparável da valorização dos saberes femininos.

Por fim, destaca-se que esta pesquisa respeita integralmente os princípios éticos e legais relacionados à realização de estudos em territórios de comunidades tradicionais. Todas as etapas de campo estão sendo conduzidas em conformidade com os protocolos de consulta livre, prévia e informada junto às famílias e representantes das comunidades da Reserva Extrativista Marinha de São João da Ponta, conforme as diretrizes do Decreto nº 6.040/2007, da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, e as orientações do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). A pesquisa reconhece o direito das comunidades sobre seus saberes e práticas, assegurando que qualquer registro, uso ou divulgação de informações seja feito de maneira compartilhada, respeitosa e com retorno social dos resultados, reafirmando o compromisso com a ética da pesquisa participativa e com a autodeterminação dos sujeitos da RESEX.

REFERÊNCIAS

BENTES, Rosineide da Silva (Org.). Série Vidas: a Medicina Tradicional Popular Amazônica (MTPA) e temas afins. Curitiba: CRV, 2019.

BRASIL. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). **Reservas Extrativistas (RESEX)**. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/unidades-de-conservacao/resex>. Acesso em: 3 nov. 2025.

DÍAZ-REVIRIEGO, Isabel et al. Gendered medicinal plant knowledge contributions to adaptive capacity and health sovereignty in Amazonia. **Ambio**, [s. l.], v. 45, n. 3, p. 263-275, dez. 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27878530/>. Acesso em: 22 out. 2025.

FIGUEIRÓ, Adriano S. Biogeografia: dinâmicas e transformações da natureza. São Paulo: Oficina de Textos, 2015.

HAFFER, J. Speciation in Amazonian forest birds. *Science*, v. 165, p.131-137, 1969.

JORNAL USP. Paisagem da Amazônia atual mostra ambiente alterado. *Jornal da USP*, 25 ago. 2015. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/amazonia-alterada/>. Acesso em: 03 out. 2025.

PINTO, B. C. de Moraes. Saberes e Vivências de Mulheres que Utilizam Plantas Medicinais no Município de Cametá, Pará. *Revista Científica Gênero na Amazônia*, [S.l.], v. 10, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/article/view/16839>. Acesso em: 02 out. 2025.

RATES, S. M. K. Plants as source of drugs. *Toxicon*, v. 44, n. 4, p. 603–613, 2004.



ROSE, Gillian. Looking at Landscape: The Uneasy Pleasures of Power. In: CLARKE, David B.; DOEL, Marcus A.; HADDON, Leslie; HEMMINGS, Stephen; ROSE, Gillian (Ed.). The Cultural Geography Reader. 1. ed. Londres: Routledge, 2008. p. 31–36.

SAQUET, M. Aurélio. Abordagens e concepções de território. São Paulo: Editora Consequência, 2013.

SCOTT, Joan. Gender and the Politics of History. 30th anniversary ed. New York: Columbia University Press, 2019.

SILVA, J. M. C.; GARDA, A. A. Padrões e Processos Biogeográficos na Amazônia. In: Evolução Espacial da Região. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. p. 190-197. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/289527866_Padrees_e_processos_biogeograficos_na_Amazonia. Acesso em: 03 out. 2025.

LAMEIRA, O. A. Espécies medicinais nativas da Região Norte. In: CORADIN, L.; CAMILLO, J.; VIEIRA, I. C. G. (ed.). Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro: região Norte. Brasília, DF: MMA, 2022. p. 997–1001. (Série Biodiversidade, 53).

VOEKS, Robert A. Are women reservoirs of traditional plant knowledge? Gender, ethnobotany and globalization in northeast Brazil. Singapore Journal of Tropical Geography, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 7-20, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9493.2006.00273.x>. Acesso em: 03 out. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Traditional Medicine Strategy 2002–2005. Geneva: WHO, 2002.